Uma Análise Linguístico-Semântica do Significante *Vítima* no Romance Homônimo de Maria Benedita Câmara Bormann (Délia): reflexões jakobsianas

Linguistic-Semantic Analysis of the Signifier *Victim* in the Homonymous Novel by Maria Benedita Câmara Bormann (Délia): Jakobsian reflections

Una Análisis Lingüístico-Semántica del Significante *Víctima* en la Novela Homónima de Maria Benedita Câmara Bormann (Délia): reflecciones jakobsianas

Robson Anselmo Tavares de Melo
https://orcid.org/0000-0002-3789-4250
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Luciana Pereira da Silva
https://orcid.org/0000-0002-3520-4156
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Resumo

Neste artigo, discutiremos o deslizamento linguístico-semântico do significante metafórico *vítima* e suas nuances no romance homônimo da escritora gaúcha Maria Benedita Câmara Bormann. Escritora do século XIX, ela escrevia sob o pseudônimo Délia em uma época na qual a misoginia era latente; à mulher, poucas opções eram oferecidas tanto no que diz respeito à vida profissional quanto ao direito de dirigir seu próprio destino, pois as estruturas sociais impunham-lhe o dever do silêncio ante os desígnios masculinos. Em uma sociedade patriarcalista, a autora desafiou opiniões que procuravam reduzir o papel feminino. Assim, Délia emerge como uma escritora extremamente talentosa e irônica, considerada chocante em sua época por não se esquivar de suas aspirações. Foi a única mulher a colaborar para a seção Folhetim da *Gazeta da Tarde*, no Rio de Janeiro, onde sua pena versava sobre o papel da mulher na sociedade. Como aporte teórico, nos debruçaremos sobre os conceitos linguísticos de metáfora (similaridade) e de metonímia (contiguidade), desenvolvidos a partir das relações associativas e sintagmáticas dispostas no *Curso de Linguística Geral* (CLG), além do artigo *Linguística e Poética*, em que se discute a indissociabilidade entre a poética e os estudos da ciência linguística. Em síntese, propomos uma reflexão que coaduna a importância de se entender a poética como autêntico campo de estudo da linguística.

Palavras-chave: significante, processos metafóricos e metonímicos, *linguística* e *poética*.

Abstract

In this article, we shall discuss the linguistic-semantic slippage of the metaphoric signifier victim and its nuances in the homonymous novel by gaucho writer Maria Benedita Câmara Bormann. Writer of the 19th century, she wrote under the pseudonym Délia at a time of latent misogyny. For women, few options were available, as much in professional life as in the right to direct one's own destiny. Social structures imposed the duty to be silent in the wake of masculine designs. In a patriarchal society, the author challenged opinions that sought to reduce the female's role. It is in this context that Délia emerges as na extremely talented and ironic writer, considered shocking for her time since she would not leave her aspirations behind. She was the only woman to contribute to the Feuilleton section for Gazeta da Tarde, in Rio de Janeiro, where her pen laid down descriptions on the role of women in society. To provide a theoretical framework, we shall examine linguistic

concepts of metaphor (similarity) and metonymy (contiguity), developed from the associative and syntagmatic relationships made available by the General Linguistics Course (Saussure); and furthermore, Jakobson's "Linguistics and Poetics" essay, discussing the indissociable nature between poetics and studies in linguistics. In brief, we propose a reflection that reconciles the importance of understanding poetics as an authentic field for the study of linguistics.

Keywords: signifier, metaphorical and metonymical processes, *linguistics and poetics*.

Resumen

En este artículo, discutiremos el deslizamiento lingüístico-semántico del significante metafórico víctima y sus matices en la novela homónima de la escritora gaúcha Maria Benedita Câmara Bormann. Uma escritora del siglo XIX, ella escribía bajo el pseudónimo Délia en una época en la que la misoginia era latente. A las mujeres se les ofrecían pocas opciones en relación a la vida profesional, así como al derecho de dirigir su propio destino, pues las estructuras sociales les imponían el deber del silencio frente a los designios masculinos. En una sociedad patriarcal, la autora desafió opiniones que buscaban a reducir el papel femenino. Así, Délia emerge como una escritora extremadamente talentosa e irónica, considerada chocante en su época por no dejar las aspiraciones de lado. Fue la única mujer a colaborar para la sección Folletín de la Gazeta da Tarde, en el Rio de Janeiro, donde su pena versaba sobre el papel de la mujer em la sociedad. Como aporte teórico, nos inclinaremos sobre los conceptos lingüísticos de metáfora (semejanza) y de metonimia (adyacencia), desarrollados a partir de las relaciones asociativas y sintagmáticas dispuestas en el Curso de Lingüística Geral (CLG), además del artigo Lingüística y Poética, en el cual se discute la indivisibilidad entre la poética y los estudios de la ciencia lingüística. Em resumen, proponemos una reflexión que concilia la importancia de entender lo poético como auténtico campo del estudio de la lingüística.

Palabras-clave: significante, procesos metafóricos y metonímicos, *lingüística y poética*.

Introdução

Não à toa, a escritora Maria Benedita Câmara Bormann tenha escolhido o pseudônimo "Délia", pois, de acordo com o dicionário eletrônico de nomes próprios (2023), é um nome de origem grega, que significa natural da ilha de Delos. Local onde teriam nascidos o deus Apolo e Ártemis, respectivamente, o deus da luz e a deusa da caça, protetora das mulheres. Assim sendo, Maria Benedita pode representar um pouco disso para nossas letras. Ou seja, uma literatura que dá *luz* à vontade *feminina*; um pouco de Apolo e de Ártemis. Embora tenha tido uma vida curta, 42 anos, Délia nos legou obras de grande valor uma vez que tocam em temáticas que eram quase que interditadas para as mulheres. Ela com audácia soube dar voz aos desejos mais recônditos das mulheres em uma época em que à mulher não lhe era dado o direito de se expressar publicamente. Ela foi uma voz contra a tabus os quais precisavam ser derrubados; enfim, abrir caminhos para outras escritoras se expressarem.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo basilar apresentar e discutir a obra *Uma vítima*, 1883, dessa escritora, que ainda tem muito a ser perscrutado, isto é, suas obras são um campo fértil para pesquisas que abordem especialmente a relação mulher e a sociedade do século XIX. Tida como erótica, irônica, polêmica; ou seja, tudo aquilo que não

se esperava de uma escritora oitocentista. Período esse marcado pelo movimento Romântico, movimento artístico literário de teor burguês, no qual a figura feminina é, não raro, retratada como submissa ao homem. Bormann contudo introduz uma doze de psicologia à narrativa, o que já preanunciava o Realismo, e, também um tom erótico, apontando para o Naturalismo. Seu estilo é marcado por uma destreza singular, revestido de um aparente comportamento, entretanto revelando-se forte e contundente contra os padrões. Nesse ponto, percebe-se que seu estilo à primeira vista parece está em consonância aos padrões da época que exigiam um certo "bom comportamento" feminino; todavia engana-se, uma literatura que provoca o leitor desatento a buscar além do que está meramente expresso, falando fortemente através das entrelinhas.

E, ao discutirmos sobre a narrativa/ estilo da escritora, nada mais propício do que analisarmos sua obra *Uma vítima* à luz dos estudos do russo Roman Jakobson (o poeta da linguística), um verdadeiro polímata da linguagem. Um estudioso que viveu sempre a rodas de intelectuais tanto da ciência linguística quanto das artes plásticas, literárias e cinematográficas. De seus estudos, recortamos os artigos *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* em que baseado nos estudos sobre as relações associativas (em ausência) e sintagmáticas (em presença) de Ferdinand de Saussure, desenvolve os conceitos de metáfora (seleção) e metonímia (contiguidade). Conceitos esses voltados para o aspecto semântico do texto, seja ele científico ou poético. Também, se faz presente em nosso estudo seu texto *Linguística e poética*, considerado de vanguarda para época, Jakobson nele discute sobre a validade de conceber a poética também como campo de estudo da ciência linguística, considerando anacronismo, não o fazer ou concebê-la de forma dicotômica.

Dessa forma, a metodologia adotada neste estudo caracteriza-se como uma análise linguístico-estilística de base funcionalista, estruturada a partir do respectivo aporte teórico. O procedimento analítico consiste, primeiramente, no mapeamento dos processos de seleção (metáfora) e combinação (metonímia) na narrativa de Maria Benedita. Ou seja, observando como a escritora articula tais relações na construção de seu estilo. Logo, sobre a materialidade do *significante* em *Uma Vítima* é a matéria basilar deste estudo.

Em suma, é importante salientar que Maria Benedita Bormann rompeu vários interditos impostos às mulheres, pois escrevia para periódicos de sua época nos quais ele se posicionava contra certos temas de cunho social, como por exemplo, a favor do abolicionismo e contra às relações familiares que oprimiam a mulher. Destacamos que grande parte de sua obra se encontra disponível no *site* domínio público, e, atualmente está

sendo revisitada em pesquisas acadêmicas as quais procuram desvendar um pouco sobre a força da *palavra*/ *significante* de uma escritora que se assemelha a um cometa, dado a rapidez em que viveu; mas que deixou um legado único e indelével.

1. Uma "subversiva" chamada Maria Benedita Bormann

Nesta seção, adentraremos no universo de Délia, pseudônimo da escritora gaúcha Maria Benedita Bormann da Câmara Lima. Nascida Maria Benedita da Câmara Lima em 1853 em Porto Alegre/ Rio Grande do Sul, falecera aos 42 anos em 1895 no Rio de Janeiro. Filha do conferente de alfândegas, Patrício Augusto da Câmara Lima e de Luísa Bormann de Lima. Poucas pesquisas se debruçam sobre essa autora, mas as que fazem, confirmam o quão *sui generis* é a veia literária dela, que, de certa forma, chocou os leitores de seu período acostumados a escritoras de estilos, não raro, tidos adocicados. Em uma época, em que à mulher era-lhe reservados poucos espaços sociais, Délia tinha, segundo a crítica de sua época, possuía um estilo irônico e erótico. Como bem se observa nesta passagem do romance *Uma Vítima* em que pai e filha, respectivamente Caetano e Lúcia, nutrem um pelo outro um amor mais que devocional:

> Lúcia deixara cair das mãos o bordado e reclinara a cabeça no espaldar da cadeira, com o olhar perdido em dolorosa contemplação.
>
> Caetano aproximou-se lentamente e mirou-lhe o semblante, banhado de lágrimas, sem que ela o pressentisse porque o tapete lhe abafara os passos.
>
> Inquieto, o pai beijou-a em muda interrogação e a mísera cerrou as pálpebras, sacudiu a fronte, conchegou-o a si e murmurou-lhe ao ouvido: - Estava cismando, paizinho, ao som desta sublime melodia!
>
> Caetano sentou-se, sem ruído, ao seu lado, segurando-lhe a mão fria e cravando-lhe o olhar profundo, anchante, como a lhe devassar os arcanos d'alma; ela desviou a vista, suspirou e recostou-se, com fadiga (Bormann, 2023, p. 76).

Assim, tal descrição não era bem-vista em sua época, e, mas ainda de autoria de uma mulher. Ressaltamos que a ironia e o erotismo são traços que a singularizam no rol das escritoras nacionais. E ainda mais, escrevia para periódicos nos quais debatia problemas sociais, o que não era muito comum no século XIX. Na verdade, ela não se calou ante às forças centrípetas que procuravam silenciar a mulher, foi antes de tudo, uma voz forte em várias estâncias, mesmo que para isso, tendo que "se esconder" atrás de um cognome.

De acordo com Anunciação (2023), Délia fora uma escritora de grande relevo no cenário nacional do século XIX, época em que poucas eram as escritoras nacionais, e, mais ainda de certo prestígio, enfim um período marcado por um forte patriarcado. Seu estilo transita entre tendências românticas e uma certa dose de naturalismo. Sabe-se que era oriunda de uma família de certo prestígio, com limitações financeiras, fora morar no Rio de Janeiro, em 1863. Em 1872, casou-se com seu tio materno, o militar e futuro Ministro da Guerra, José Bernardino Bormann, o que na época não era tão estranho. Daí passando a assinar com o sobrenome Bormann. Mesmo casada, Maria Benedita manteve residência junto aos pais. Tinha uma formação intelectual privilegiada, a qual incluía o domínio de idiomas estrangeiros e habilidades artísticas como o piano e o canto, começou a escrever ainda muito jovem, como vimos, seu estilo chamava atenção pela singularidade com a qual tratava determinados temas.

Vale salientar que a trajetória de Délia, na imprensa, iniciou-se em 1880, em *O Sorriso*, passando posteriormente ao colaborar com alguns dos principais jornais cariocas, como a *Gazeta de Notícias*, o *Gazeta da Tarde* e *O Paíz*. Com o pseudônimo Délia, publicou diversos contos e romances de folhetim, entre eles *Madalena*, *Duas Irmãs*, *Lésbia*, *Celeste e Uma Vítima*, obras que, em muitos casos, circularam primeiramente em capítulos nos jornais antes de serem editadas em livro. Um equívoco inusitado foi o fato de terem utilizado sua imagem como sendo o da maranhense Maria Firmina dos Reis. Tal situação fez/ faz com que muitos associem ainda hoje sua foto à da maranhense. Ademais, destacamos que o romance *Uma Vítima*, objeto de nosso estudo se encontra em domínio público. Em síntese, ainda há muito o que se descobrir sobre essa autora, sua obra está sendo revisitada, e servindo de objeto de estudos para artigos acadêmicos, dissertações de mestrados e teses de doutorado.

2. Uma Vítima, um romance peculiar

A obra *Uma Vítima*, 1884, de Maria Benedita Bormann, escrita sob o pseudônimo de Délia, tece uma narrativa considerada densa, conduzida por um narrador onisciente, que mergulha na psicologia das personagens, criticando a hipocrisia da alta sociedade carioca do século XIX, como esta passagem na qual o narrador adentra no sentimento de cada personagem:

> Quando Lúcia teve de seguir, beijou a mãe, com os olhos vermelhos, cerrando os queixos para não chorar; no carro, deitou a cabeça nos joelhos do pai: na banqueta fronteira, levava um regimento de bonecas e brinquedos.
>
> Estando no colégio, olhou sobressaltada para a diretora, deixou-se beijar pelo pai, sem poder falar, sofrendo muito. Chorou loucamente quando se despediu de Caetano; a diretora tomou-a ao colo para consolá-la e, com bondade, mostrou-lhe as companheiras, obedientes, risonhas, entretidas com os trabalhos. Um tanto tristonha, ao princípio, Lúcia obedecia e estudava de boa vontade.
>
> No primeiro sábado, em que Caetano a foi buscar, chorou ao abraçá-lo contou-lhe o que sofrera, prometendo, contudo, habituar-se à separação. Passeou depois com o pai, conservando-se sempre a seu lado, aproveitando bem todos esses felizes instantes. anos, ele ia visitá-la todas as quartas-feiras, animando-a, servindo-lhe de carinho, consolo e estímulo: a menina era o seu luxo e o seu orgulho (Bormann, 2023, p. 11).

Inteligente, curiosa, Lúcia aprendeu com facilidade: Caetano lhe enviou professores especiais de alemão, italiano e música: queria que ela soubesse mais do que em geral se aprende nos colégios.

A narrativa se desenvolve em um tempo cronológico linear, marcado pelas tensões sociais do final do século XIX, mas é o tempo psicológico que domina a obra, expondo o desgaste emocional da protagonista, Lúcia, uma jovem de 17 anos cuja pureza contrasta com o ambiente de aparências em que vive. O espaço transita entre os salões luxuosos do Rio de Janeiro e a intimidade sufocante do casarão da família, onde se desenrola o drama central. A obra inicia-se quando o pai vai buscá-la do colégio interno:

> A alma cândida da donzela estremecia ante o desconhecido, ante o problema do futuro. O pai foi-lhe ao encontro, abraçou-a e beijou-a. - Então, filhinha! sê forte! ainda me queres privar mais tempo da tua companhia? Virás sempre ver tuas amigas e reviver os anos da infância. Isto não é um desterro! Lúcia lhe sorria por entre lágrimas; abraçou a diretora, que se sensibilizou, seguiu o pai e entraram na elegante vitória, que partiu a trote largo (Bormann, 2023, p. 5).

A problemática amplia-se no conflito entre Lúcia e sua mãe, Melania, uma mulher interesseira que subverte o estereótipo da maternidade sagrada ao revelar-se fútil e invejosa, enxergando na própria filha uma rival que ameaça sua vaidade. Enquanto Lúcia idolatra o pai, o deputado Caetano, homem honrado, abolicionista, mas tragicamente cego para a realidade de seu lar, Melânia se vê atraída pelo jovem Rodolfo. Ademais, clímax ocorre quando a jovem Lúcia descobre que Rodolfo e Melania mantêm um caso adúltero. Diante da iminente destruição moral do pai, a quem deseja poupar a qualquer custo, Lúcia decide

assumir o papel de sacrifício: ela permite que a culpa e a desonra recaiam sobre seus próprios ombros para preservar a imagem da família. Essa atitude da protagonista justifica o título da obra, em que podemos inferir que é o sacrifício de uma filha pelo amor do pai.

> Rodolfo compreendeu que devia frequentar poucas vezes a casa da noiva; conversavam, naturalmente, na presença de Caetano, porém, logo que o pai saia, Lúcia sentava-se ao piano e Rodolfo tinha de suportar as admoestações de Melania, feitas à meia voz.
> Era uma tortura aquela existência, mas coisa singular, se lhe proporcionasse meios de se libertar, talvez ele os rejeitasse!
> Viu-se preso àquela criatura meiga, forte, que o desprezava entranhadamente: esperava, porém, merecer-lhe um dia o perdão, e, quem sabe!...
> Neste ponto suas ideias confundiam-se e o desalento atormentava-o.
> Fugia de Melania que o impacientava, indo procurá-lo até em seus próprios cômodos de rapaz solteiro: ele a recebia de má vontade, assustado, tendo momentos de cólera e asco. Quatro meses depois se realizou o casamento. Melania adornara, a seu gosto, os aposentos dos noivos: estas peças comunicavam-se entre si, mas os seus habitantes dormiriam separados, à moda francesa (Bormann, 2023, p. 24).

A narrativa encerra-se como uma contundente crítica ao patriarcado e às convenções sociais da época. Lúcia personifica a vítima absoluta, esmagada entre a negligência materna, a luxúria dos homens e a necessidade de manter uma fachada social intacta. Uma obra que está entre o Romantismo e o Naturalismo. Do primeiro, o sacrifício de Lúcia pela felicidade do pai. Do segundo, a crítica aos valores burgueses de uma sociedade que vive de aparências. Também podemos pontuar a relação de Lúcia com o pai, um amor *sui generis* com pinceladas de erotismo velado.

3. Roman Jakobson: A multidisciplinaridade como processo da linguagem

Nesta seção, apresentaremos e discutiremos sobre o teórico, que recortamos para dar base epistemológica às análises. O russo Roman Osipovich Jakobson (1896–1982) destaca-se como uma figura de caráter científico *sui generis* na história das ciências da linguagem. Longe de limitar-se a uma única vertente, o intelectual russo consolidou-se como um polímata que transitou com destreza entre a rigorosa ciência linguística e as expressões artísticas. Sua contribuição é fundamental por ter rompido com a visão dicotômica da época, que, frequentemente, isolava a poética (literatura) do escopo linguístico.

Jakobson manteve amizades com artistas e cientistas da linguagem por isso destacamos esse caráter *sui generis* em seus interesses, um labor científico inquietante e multifacetado. Dessa forma, além da ciência de linguagem, ele também se interessou pelo cinema, poética, funções da linguagem, pintura, afasias, fonologia estrutural, antropologia, leis gerais da comunicação etc. Enfim tudo aquilo que houvesse relação entre o homem e a linguagem.

Nesse contexto, para Jakobson, a literatura não era um campo periférico, mas uma manifestação autêntica da própria linguagem, concepção que levou o poeta, professor, linguista e tradutor brasileiro Haroldo de Campos (1929-2003) a nomeá-lo o "poeta da linguística". Em seu seminal artigo *Linguística e poética* (1988 [1960]), Jakobson defende, com lucidez, que o distanciamento entre linguistas e especialistas em literatura configurava um anacronismo metodológico. Isso é, um de costas para as pesquisas do outro como se fossem duas realidades estanques, distantes entre si:

> Se existem alguns críticos que ainda duvidam da competência da Linguística para abarcar o campo da Poética, tenho para mim que a incompetência poética de alguns linguistas intolerantes tenha sido tomada por uma incapacidade da própria ciência linguística. Todos nós que aqui estamos, todavia, compreendemos definitivamente que um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos e ignorante dos métodos linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos (Jakobson, 1988, p. 162).

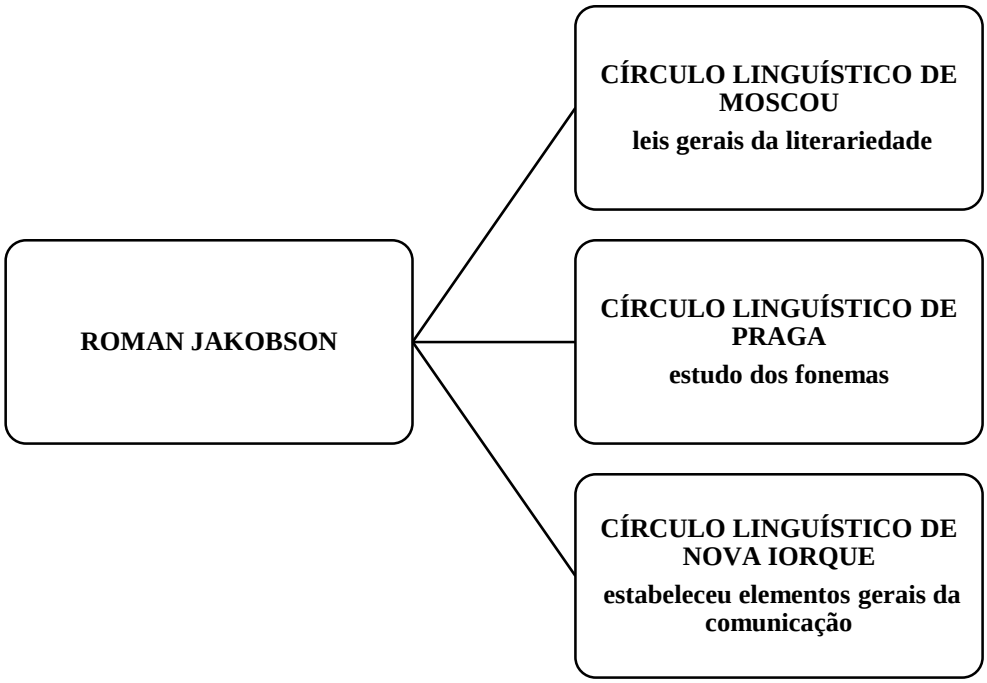
Consoante aponta Blikstein (2010), a trajetória biográfica de Jakobson espelha o próprio movimento da linguística contemporânea em direção à antropologia, às artes e à estética. Sua formação no Instituto Lazarev de Línguas Orientais e seu doutorado na Universidade de Praga (1930) fora apenas o prelúdio de uma carreira marcada pela amplitude: desde o folclore e a dialetologia, até o diálogo próximo com as vanguardas, como o cubismo e o futurismo, personificados em suas amizades com os poetas russos Maiakóvski (1893-1930) e Khlébnikov (1885-1922), dois pilares do cubismo e do futurismo russos. Khlébnikov considerado um visionário experimental na linguagem estrutural do poema; Maiakóvski, por sua vez, destacou-se como uma voz performática na revolução e de vanguarda.

Salientamos que a gênese do pensamento de Jakobson está, intrinsecamente, ligada ao *Círculo Linguístico de Moscou* (1915–1920), do qual foi cofundador. O grupo, pejorativamente chamado de "formalista" por críticos vinculados a um sociologismo rígido,

rejeitava a separação entre forma e conteúdo. Para os “formalistas”, o poema consistia em uma hierarquia funcional onde o *som* e o *sentido* eram inseparáveis, consolidando o interesse pela *fonologia* em detrimento de uma *fonética* puramente descritiva.

Assim, após 1920, em sua permanência na Tchecoslováquia, Jakobson lecionou na Universidade de Masaryk e integrou o influente *Círculo Linguístico de Praga* (fundado em 1926). Foi nesse período em que o linguista amadureceu conceitos centrais para o estruturalismo, incluindo as primeiras formulações sobre a metáfora (similaridade) e a metonímia (contiguidade) em suas análises sobre a prosa do escritor russo Boris Pasternak (1890-1960). Ademais, a instabilidade política provocada pelo avanço nazista na Europa forçou seu exílio na Escandinávia e, posteriormente, nos Estados Unidos, onde lecionou em instituições de prestígio como Harvard e o MIT.

Nesse período, Jakobson expandiu suas investigações para a mitologia, a filologia eslava e a afasiologia, com destaque para a obra *Kindersprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetze* (1941). Sua colaboração com os estudos do belga Claude Lévi-Strauss (1908-2009) em Nova York também ilustram a fecundidade do intercâmbio entre o estruturalismo linguístico e a antropologia. Segue uma síntese geral sobre os interesses de Roman Jakobson em seus principais círculos de estudos:



Fonte: Os autores.

Finalizamos esta seção, destacando que, após um período de correspondência entre o linguista Joaquim Mattoso Câmara e o escritor, tradutor de russo e ensaísta Boris Schnaiderman; em setembro de 1968, Roman Jakobson esteve no Brasil. As correspondências, que proporcionaram sua vinda estão depositadas na Biblioteca da Universidade Católica de Petrópolis (RJ), elas permitem entender o longo diálogo estabelecido entre esses dois intelectuais e todo o esforço necessário, do ponto de vista burocrático, para a única viagem ao Brasil de um dos maiores intelectuais do século XX. Foi um evento marcante para o estruturalismo em nosso país. Conforme documentado, a viagem incluiu palestras e visitas ao Rio de Janeiro e palestras em universidades.

4. Os processos metafóricos e metonímicos jakobsianos

Nesta seção, abordaremos, prioritariamente, sobre os processos metafóricos (similaridade) e metonímicos (contiguidade), embora os fundamentos da teoria desses processos tenham surgido inicialmente em 1935, a propósito de sua análise sobre a obra de Boris Pasternak, é no ensaio *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* em que Roman Jakobson sistematiza essas categorias de maneira definitiva. Ele desenvolve sua tese a partir da observação clínica de sujeitos afásicos, sustentando que a análise de qualquer patologia da *fala* exige o entendimento prévio da estrutura normal da comunicação, que foi interrompida. Sob essa perspectiva, a linguística deve abarcar o fenômeno verbal em todas as suas dimensões, compreendendo-o tanto em pleno funcionamento e evolução quanto em seus estados de formação e desintegração:

> Falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciar dos. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum. O engenheiro de comunicações aproxima-se de modo mais adequado da essência do ato da fala quando sustenta que, na troca ótima de informação, o que fala e o que ouve têm a sua disposição mais ou menos o mesmo "fichário de representações pré-fabricadas": o destinatário da mensagem verbal escolhe uma destas "possibilidades preconcebidas" e impõe-se que o destinatário faça uma escolha idêntica no mesmo repertório de “possibilidades já previstas e preparadas”.8 Assim,

> para ser eficiente, o ato da fala exige o uso de um código comum por seus participantes (Jakobson, 1988, p. 37).

Nesse contexto, Jakobson (1988) postula que o discurso se desenvolve através de dois eixos semânticos distintos: um orientado pela similaridade (metáfora), que fundamenta o processo metafórico e a capacidade de substituição; e outro regido pela contiguidade, que sustenta o processo metonímico (contiguidade) e a capacidade de combinação.

Ademais, pontuamos que tais processos deitam suas raízes nos estudos sobre as relações associativas (em ausência) e sintagmáticas (em presença), do genebrino Ferdinand de Saussure (1857-1913). Ou seja, se dão respectivamente em relação vertical e horizontal. Saussure cujo interesse principal era a *língua*, delimitou os processos associativos como sendo o "tesouro de significantes", ou seja, é todo o arcabouço linguístico, que temos, assim antes de utilizá-lo, fazemos seleção, escolhas, por isso se dão de forma vertical. Já, os processos sintagmáticos ocorrem na relação entre os termos do sintagma; por isso, horizontal. Portanto, de forma genérico, podemos entender, o que Saussure na língua chama de associativa, Jakobson chama de metáfora (seleção); o que Saussure denomina de sintagmático, Jakobson por usa vez denomina de metonímia (contiguidade). O que ele defende:

> O desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema (*topic*) pode levar a outro quer por similaridade, quer por contiguidade. O mais acertado seria talvez falar de processo metafórico no primeiro caso, e de processo metonímico no segundo, de vez que eles encontram sua expressão mais condensada na metáfora e na metonímia respectivamente. Na afasia, um ou outro desses dois processos é reduzido ou totalmente bloqueado — fato que, em si, torna o estudo da afasia particularmente esclarecedor para o linguista. No comportamento verbal normal, ambos os processos estão constantemente em ação, mas uma observação atenta mostra que, sob a influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro processo goza de preferência (Jakobson, 1988, p. 55).

Ainda que tais conceitos foram aplicados por ele no estudo das *afasias* (distúrbios de linguagem), Jakobson (1988) enfatiza que ambos constituem os pilares universais de toda a atividade discursiva, de modo que a interação dinâmica entre esses dois processos define a própria essência da arte da linguagem e da produção de sentido.

5. O deslizamento metáfora-metonímico do significante *Vítima* no romance homônimo de Maria Benedita Bormann: performances semânticas

Nesta seção, analisaremos o deslizamento linguístico-semântico do *significante Vítima* na narrativa do respectivo romance da escritora Maria Benedita Câmara Bormann. Antes de mais nada, vale salientar que quando nos referimos à *metáfora* e *metonímia*, não estamos fazendo menção aos homônimos dos tropos de linguagem, e sim, ao processo linguístico do *significante* na narrativa, em nosso caso, baseado nos estudos de Roman Jakobson. Também, destacamos, como observado na seção anterior (3), que, de acordo com o linguista russo, todo discurso seja ele científico ou literário é submetido a tais processos. Lembrando que ele observou tal imanência a partir dos discursos dos pacientes acometidos pela afasia (Jakobson, 1988). Dessa forma, é no artigo *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* com primazia ele desenvolve tais conceitos.

Outro ponto que merece destaque é o conceito de *significante* empregado em nosso estudo, recortamo-lo das pesquisas do genebrino Ferdinand de Saussure (2012). Pesquisas essas ministradas na Universidade de Genebra por ocasião de seminários os quais foram catalogados e compilados *post-mortem* do mestre, em 1916, por Charles Bally e Albert Schehaye. Tal compilação deu origem ao *Curso de linguística geral* (CLG), livro que mudou os rumos dos estudos referentes à língua(gem). Entre tantos pontos nele, Saussure discorre sobre o signo linguístico e o define como uma entidade formada por duas faces: o *significante* ou matéria fônica e o *significado* ou conceito. Como podemos observar com a palavra *árvore*, o *significante* seria a massa fônica á-r-v-o-r-e; e, o *significado* seria o conceito que emerge do *significante*. Dessa forma, o *significante* é segundo Saussure, de natureza auditiva. Tal explanação foi pertinente a fim de que possamos apresentar de onde viram os conceitos os quais nos ancoramos.

Cônscios de tais conceitos linguísticos, assim ao falarmos em *Uma vítima*, de Bormann, percebemos que a obra introduz o leitor a um drama de teor familiar, vivido por: Caetano (pai), Melania (mãe), Lúcia (filha devotada) e Rodolfo (amante de Melania/ posteriormente esposa de Lúcia). Ou seja, marido, esposa, filha e genro vivem as amarguras da irrealização amorosa uma vez que não são felizes plenamente. Todos são vítimas dos infortúnios e dos desencontros da vida. Inicialmente, podemos observar que os personagens são nomeados de acordo com algum traço ou temperamento seu. De acordo com dicionário eletrônico dos nomes próprios (2026), Lúcia significa *luz, luminosa, aquela que nasceu com*

a manhã. É a personagem que se sacrifica pelo pai a fim de manter a paz familiar, casa-se a contragosto para que o pai Caetano não sabia das traições da esposa. Melania, a mãe de Lúcia, esposa de Caetano, mulher ambiciosa e traiçoeira, seu nome evoca *obscura.* Trai o marido com Rodolfo, rapaz que frequentava sua casa. Já, Rodolfo seu nome evoca *lobo famoso*. Ele adentra na casa de Caetano, retirando assim a harmonia. Torna-se amante de Melania e, posteriormente, casa-se com Lúcia. Caetano, marido e pai dedicado, idolatrava a filha e era correspondido por ela. Seu nome significa *natural*. Um homem que vivera de forma simples, sempre dedicado a causas sociais, era deputado, idealista. Grosso modo, temos: a luz, a obscuridade, o lobo e o natural.

O sacrifício de Lúcia dar-se quando ela flagra a mãe em adultério com Rodolfo, temendo que o pai descobrisse a traição, pois ele se encaminhava à cena do episódio. Ela diz ao pai que estava confabulando com Rodolfo e Melania sobre o futuro casamento dela com o jovem, como se este a estivesse pedindo em casamento. Sobre isso Teles (2023) afirma:

> Lucia cria uma trama familiar que impõe sofrimento e silêncio aos personagens e a ela, especialmente, o sacrifício de sua vida. Dispõe que o amante da mãe se case com ela, explicando: "caso-me com o senhor aparentemente; nada de comum haverá jamais em nossa existência!". O casal irá morar *à la* francesa, isto é, em quartos separados. Rodolfo que estava ali envolvido em um *affaire* casual e passageiro se vê compelido a participar da farsa (Teles, 2023, p. 9).

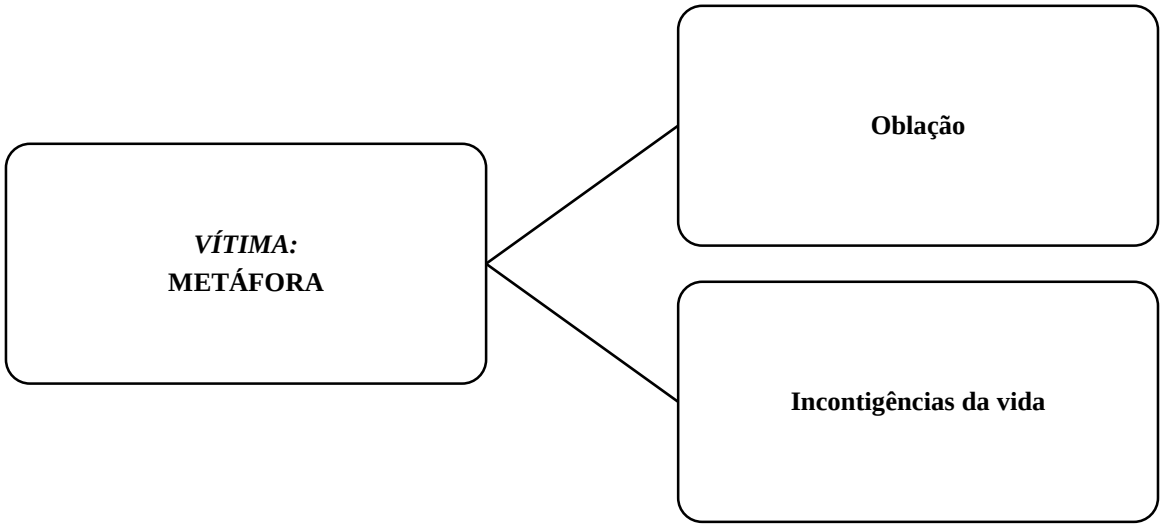
E prossegue:

> Além do mais, a jovem exige que ele não volte a se aproximar de Melânia que é obrigada a abafar seus rugidos de ciúme. O pai, se não gostou do casamento da filha, ficou contente por ela pretender continuar morando em sua casa o que lhe permitiria gozar de sua companhia com maior frequência. Montada a cena, atribuídos os papeis, a cortina de hipocrisia permite que o enredo siga na direção prescrita pelos bons costumes, embora as distorções de uma vida falsa, aqui mais intensificada do que em circunstâncias comuns, infrinja profundo sofrimento às personagens (Teles, 2023, p.9).

Linguisticamente falando, o *significante* metafórico *Vítima* assume na narrativa dois sentidos principais: 1ª o de oblação/ oferta/ sacrifício, realizado por Lúcia para proteger os pais principalmente a figura paterna contra o sofrimento e a humilhação de ter sido traído pela esposa. E o 2ª *Vítima* em sentido amplo a que todos os personagens são acometidos uma vez que não vivem a realização de seus amores, tendo que se contentarem com as agruras da vida. Um romance em que o respectivo *significante* desliza em metonímias como: filha,

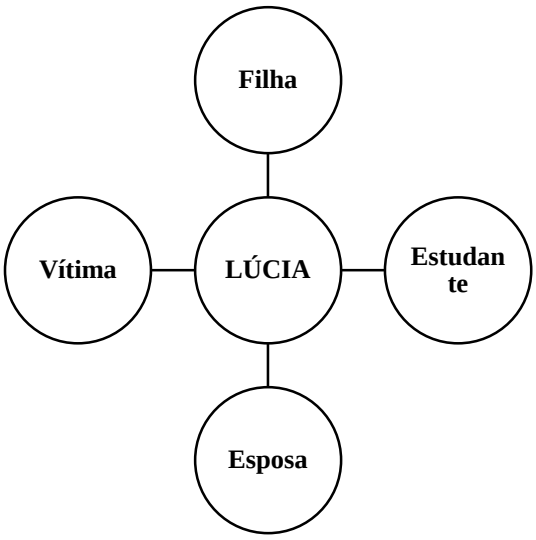
esposa, genro, pai, marido. Todos compartilham a dor, o sofrimento e a irrealização. Uma obra em que mesmo que haja certo teor naturalista, é o romantismo ultrarromântico que a move, pois inflige aos personagens o sofrimento, purgação. Noutras palavras, o sofrer por amor, por uma causa superior – manter as aparências sociais - mesmo que para isso o custo seja a própria vida. Seguem dois fluxogramas em que procuramos abordar no primeiro o deslizamento semântico do significante *Vítima*; no segundo, o deslizamento metonímico desse *significante*:

a) Deslizamento semântico metafórico do *significante Vítima* na narrativa:



Fonte: Os autores

b) Deslizamento metonímico do *significante* metafórico "Lúcia":



Fonte: Os autores

Os estudos sobre os processos metafóricos (seleção) e metonímicos (contiguidade) desenvolvidos por Roman Jakobson aplicados às análises do romance de Maria Benedita Bormann, ajuda-nos a entender de forma mais acurada a potencialidade fabulatória dessa autora que não se calou ante a visão patriarcal de sua época. Bormann é uma autora que se apresenta como um campo fértil no que concerne os estudos da linguagem.

Considerações Finais

"E dizem que a vida é um dom precioso! Sem dúvida, mas unicamente para os insensíveis e egoístas (Bormann, 2023, p. 110)". Essas são as últimas palavras do romance *Uma vítima*, de uma autora, como vimos, considerada pela crítica literária como irônica, chocante e erótica. Na verdade, uma mulher/ uma escritora que ainda muito se tem a descobrir sobre seu estilo e sua cosmovisão criativo-literária. Uma literatura que provoca o leitor a entender o universo feminino do século XIX; mas, que não é datada/ reduzida, podendo ser pensada e repensada para todas as épocas. Dessa forma, a análise do *significante metafórico Vítima* na obra da gaúcha Maria Benedita, sob a lente dos estudos do polímata da língua(gem) Roman Jakobson, revela que a potência narrativa dessa escritora reside, justamente, no deslizamento entre os processos da linguagem, metafórico (seleção) e metonímia (contiguidade) em seu ato criativo. Grosso modo, o termo/ significante não encerra um sentido unívoco, funcionando como um indicativo de um sacrifício, ou seja, oblação, oferta, sacrifício de uma vida para que outra a tenha plenamente ou pelo menos tente. Nesse contexto, vimos que a protagonista emerge como símbolo de pureza, de filha obediente capaz de doar sua própria vida pelo amor dos seus, em especial do pai. As *metonímias* observadas indicam as relações sociais, em que as personagens são adjetivadas na manutenção dos seus anseios e desejos reprimidos ou ilusórios. No caso da protagonista, a honra paterna fala mais alto em seu coração. Linguisticamente falando, os processos semânticos demonstram o quão *sui generis* é o texto de Bormann, pois ele transcende o mero maniqueísmo oitocentista do Romantismo literário, indo a uma relação entre o Realismo e o Naturalismo, respectivamente, com passos ainda que incipientes psicológicos e biológicos. Todavia, como observamos, a oblação romântica sobressai com grande monta, o que é observado no próprio título da narrativa *Uma vítima*. Ademais, o deslizamento metonímico atua como um sintoma da tensão, pois vai decantando na trama o comportamento dos personagens. Quando direcionamos o *significante vítima* para Lúcia, encontramos uma filha/

mulher/ esposa que faz o apagamento dos seus desejos para a sustentação da paz familiar. Empregar como aporte teórico os estudos de Roman Jakobson, é coadunar de forma feliz os estudos da língua(gem) de um teórico que se recusou a dicotomizar a relação da ciência da linguagem com a poética (literatura), com a fabulação de uma escritora de estilo *sui generis* no cenário nacional oitocentista.

Referências

ANUNCIAÇÃO, Vanessa dos Santos. *Mulheres silenciadas: um retrato da condição da mulher brasileira do século XIX nos romances de Délia (Maria Benedita Câmara Bormann).* 2023. 55f. Trabalho de Conclusão de curso – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Uma vítima*. Rio de Janeiro: Delirium Editora, 2023.

BLIKSTEIN, Izidoro. Prefácio à edição brasileira. *In*: JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p. 7-12.

BLIKSTEIN, Izidoro. Prefácio. *In*: JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação.* Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

DICIONÁRIO *Eletrônico de Nomes Próprios*. Coordenação de José Pedro Machado. Lisboa: Editorial Presença, 2023. Disponível em: https://www.linguee.com.br/portugues-ingles/traducao/acesso.html. Acesso em: 3 mai. 2026.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

TELLES, Norma. *Encantação*: Maria Benedita Bormann (Délia). São Paulo: Iluminuras, 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.